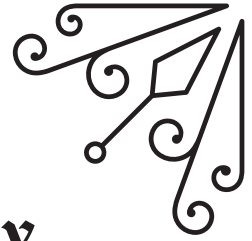


O  
FANTASMA  
DA  
ÓPERA

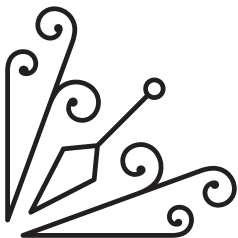




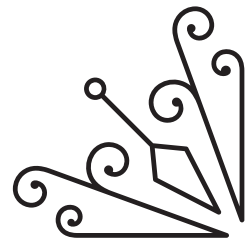
Gaston Leroux

O  
FANTASMA  
DA  
ÓPERA

TRADUÇÃO: ANDRÉIA MANFRIN ALVES



Principis



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Título original: <i>Le Fantôme de l'Opéra</i>	Revisão Karin Gutz
Texto Gaston Leroux	Produção editorial e projeto gráfico Ciranda Cultural
Tradução Andréia Manfrin Alves	Imagens Gleb Guralnyk/Shutterstock.com; Harry Kasyanov/Shutterstock.com; Fatal Sweets/Shutterstock.com; Vasya Kobelev/Shutterstock.com; rudall30/Shutterstock.com; Martial Red/Shutterstock.com
Preparação Beluga Editorial (Erika Jurdi)	

---

L618f Leroux, Gaston

O fantasma da Ópera / Gaston Leroux ; traduzido por Andréia Manfrin Alves. - Jandira, SP : Principis, 2020.  
320 p. ; 16cm x 23cm. - (Literatura Clássica Mundial).

Tradução de: Le Fantôme de l'Opéra  
Inclui índice.  
ISBN: 978-65-555-2004-0

1. Literatura francesa. 2. Romance. I. Alves, Andréia Manfrin. II. Título. III. Série.

2020-587

CDD 843  
CDU 821.133.1-31

---

**Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949**

**Índice para catálogo sistemático:**

- 1.! Literatura francesa: romance 843
- 2.! Literatura francesa: romance 821.133.1-31

1ª edição em 2020

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

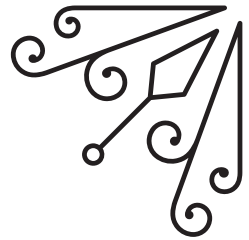
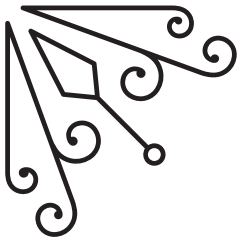
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

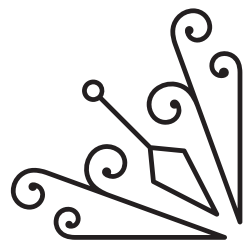
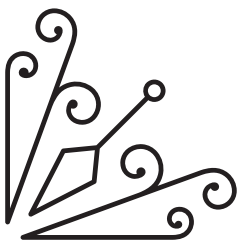
# SUMÁRIO

Prefácio .....	9
Primeira parte – Erik	
É o Fantasma? .....	17
A nova Marguerite.....	29
Pela primeira vez, os senhores Debiegne e Poligny contam, em segredo, aos novos diretores da Ópera, Armand Moncharmin e Firmin Richard, a verdadeira e misteriosa razão de sua saída da Academia Nacional de Música .....	41
O camarote nº 5 .....	49
Continuação de “O camarote nº 5” .....	58
O violino encantado.....	66
Uma visita ao camarote nº 5.....	86
Em que os senhores Firmin Richard e Armand Moncharmin têm a audácia de representar <i>Fausto</i> em uma sala “amaldiçoada” e o terrível acontecimento em que essa escolha resultou.....	89
O misterioso cupê.....	107
O baile de máscaras.....	117
É preciso esquecer o nome da “voz do homem”.....	129
Por cima dos alçapões.....	135
A lira de Apolo.....	145
Segunda parte – O mistério dos alçapões	
Um golpe de mestre do amante dos alçapões .....	173
A singular importância de um alfinete de fralda .....	186
“Christine! Christine!” .....	193

As surpreendentes revelações de dona Giry sobre suas relações pessoais com o Fantasma da Ópera .....	198
Ainda sobre a singular importância de um alfinete de fralda.....	210
O comissário de polícia, o visconde e o Persa.....	217
O visconde e o Persa.....	224
Nas profundezas da Ópera.....	232
Atribuições interessantes e instrutivas de um Persa no subsolo da ópera.....	249
Na Câmara de Suplícios .....	265
O começo dos suplícios.....	273
“Barris! Barris! Quem tem barris para vender?” .....	280
É para girar o escorpião? É para girar o gafanhoto?.....	292
O fim dos amores do Fantasma .....	302
Epílogo .....	312

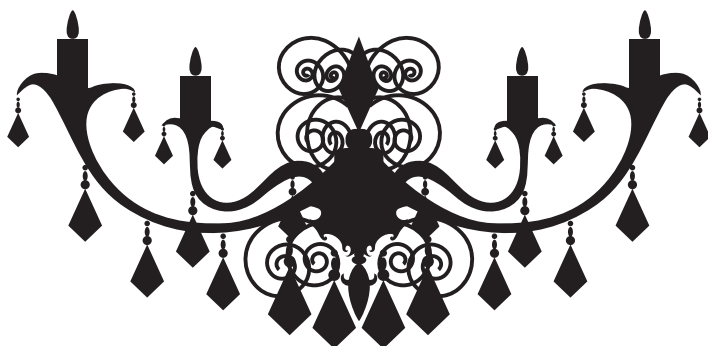


*Para o meu velho irmão Jo, que, sem ter nada  
de fantasma, é, como Erik, um Anjo da Música.  
Com todo afeto, GASTON LEROUX.*









## Prefácio

Onde o autor desta obra singular conta ao leitor como foi levado a ter certeza de que o Fantasma da Ópera realmente existiu.

O Fantasma da Ópera existiu. Não foi, como durante muito tempo se acreditou, uma inspiração de artistas, uma superstição de diretores, a criação tola dos cérebros excitados das jovens do corpo de baile, ou de suas mães, das lanterninhas, dos funcionários dos camarins ou do zelador.

Sim, ele existiu, em carne e osso, apesar de ter adotado a aparência completa de um verdadeiro fantasma, isto é, de uma sombra.

Fiquei impressionado desde o início, quando comecei a examinar os arquivos da Academia Nacional de Música, pela surpreendente coincidência de fenômenos atribuídos ao Fantasma, o mais misterioso, o mais fantástico dos dramas, e logo fui tomado pela ideia de que talvez fosse possível explicar, racionalmente, isto por aquilo. Os acontecimentos datam de menos de trinta anos e não seria difícil encontrar, ainda hoje, no *foyer*<sup>1</sup> da dança, velhos respeitáveis, cuja palavra não pode ser posta em dúvida, que se lembram como se fosse ontem das misteriosas e trágicas condições que acompanharam o sequestro de Christine Daaé, o desaparecimento do visconde de Chagny e a morte de seu

---

1 *Foyer* é uma palavra da língua francesa que designa os espaços do teatro ou da ópera em que os espectadores aguardam o início ou reinício do espetáculo. (N.T.)

irmão mais velho, o conde Philippe, cujo corpo foi encontrado à margem do lago que acompanha toda a extensão da Ópera, ao largo da rua Scribe. No entanto, nenhuma das testemunhas acreditava que pudesse haver qualquer envolvimento do lendário Fantasma da Ópera nessa terrível aventura.

A verdade penetrou de forma lenta em minha mente, conturbada por uma investigação que esbarrava a todo momento em acontecimentos que, à primeira vista, poderiam ser julgados como sobrenaturais, e, mais de uma vez, estive muito perto de abandonar a tarefa que me esgotava em perseguir uma imagem vã, sem nunca a alcançar. Finalmente, tive as provas de que meus pressentimentos não me haviam enganado e meus esforços foram totalmente recompensados no dia em que me certifiquei de que o Fantasma da Ópera tinha sido mais do que uma mera sombra.

Naquele dia, eu havia passado longas horas na companhia de *Memórias de um diretor*, uma obra simples do cético Moncharmin, que, durante o seu tempo na Ópera, não havia entendido nada da conduta do Fantasma, e por isso, tirou tanto sarro quanto pôde, mesmo sendo ele vítima da curiosa operação financeira que acontecia dentro do “envelope mágico”.

Desesperado, eu tinha acabado de deixar a biblioteca quando encontrei o charmoso administrador da nossa Academia Nacional, a papear, debruçado em um corrimão, com um velhote vigoroso e atraente, a quem ele graciosamente me apresentou.

O senhor administrador estava ciente das minhas pesquisas e sabia da tamanha impaciência com que eu tinha tentado, em vão, descobrir em que ponto o juiz de instrução, senhor Faure, havia abandonado o famoso caso dos Chagny. Não se sabia o que tinha acontecido com ele, se estava morto ou vivo; e eis que agora, de regresso do Canadá, onde vivera por quinze anos, seu primeiro passo em Paris foi procurar a secretaria da Ópera para solicitar o empréstimo de uma poltrona. O tal velhote era o próprio senhor Faure.

Passamos boa parte da noite juntos e ele me falou sobre o caso Chagny tal como o havia compreendido outrora. Vira-se obrigado a concluir, por

## O FANTASMA DA ÓPERA

falta de evidências, que o visconde tinha enlouquecido e que o irmão mais velho havia morrido acidentalmente, mas permaneceu convencido de que um drama terrível tinha ocorrido entre os dois irmãos, envolvendo Christine Daaé. No entanto, não soube me dizer o que havia acontecido a Christine, nem ao visconde. Claro que, quando lhe falei do Fantasma, ele apenas sorriu. Também estava a par das singulares manifestações que pareciam atestar a existência de um ser excepcional, que escolhera como residência um dos mais misteriosos cantos da Ópera, e também sabia da história do “envelope”, mas não via nisso nada que pudesse atrair a atenção de um magistrado responsável por investigar o caso Chagny, e apenas escutou, durante alguns momentos, o depoimento de uma testemunha que havia se apresentado espontaneamente para afirmar que tinha tido a oportunidade de conhecer o Fantasma. Esse personagem, a testemunha, não era outro senão aquele que toda Paris chamava de “o Persa”, e que era bastante conhecido por todos os assinantes da Ópera. O juiz o considerara um maluco.

Você deve estar se perguntando se eu não fiquei absolutamente interessado por essa história do Persa. Gostaria de encontrar, se ainda houvesse tempo, essa preciosa e original testemunha. Minha boa sorte retornou e consegui encontrá-lo em seu pequeno apartamento na rua Rivoli, onde vivia desde aquela época, e onde viria a falecer cinco meses após minha visita.

No início, fiquei bastante desconfiado, mas quando o Persa contou, com uma candura infantil, tudo o que sabia pessoalmente sobre o Fantasma, e me entregou provas de sua existência (especialmente a estranha correspondência de Christine Daaé, que esclarecia de maneira tão deslumbrante seu terrível destino), já não era mais possível duvidar! Não! Não! O Fantasma não era um mito!

Estou ciente de que, como disseram, toda aquela correspondência poderia não ser autêntica e que poderia ter sido produzida, uma a uma, por um homem cuja imaginação certamente tinha sido alimentada por sedutores contos. Mas, felizmente, encontrei a grafia de Christine para além do famoso pacote de cartas e, conseqüentemente, pude desfrutar de um estudo comparativo que removeu todas as minhas hesitações.

Também me informei sobre o Persa e pude atestar que era um homem honesto, incapaz de inventar uma trama que pudesse enganar a justiça.

Essa era a visão de todas as grandes personalidades que estavam de alguma forma envolvidas no caso Chagny, amigos da família a quem expus todos os documentos e desvendei todas as minhas deduções. Recebi dessas pessoas o mais nobre encorajamento e permito-me reproduzir, sobre esse assunto, algumas linhas que me foram endereçadas pelo general D.

*Senhor,*

*Não posso encorajá-lo a publicar os resultados da investigação. Lembro-me perfeitamente bem que, algumas semanas antes da morte da grande cantora Christine Daaé, drama que deixou em luto todo o faubourg<sup>2</sup> Saint-Germain, falava-se muito, no foyer, sobre o Fantasma, e acredito que o assunto só foi encerrado com a continuação desse caso que ocupava todas as mentes; mas, se é possível, como eu acredito que seja desde que o ouvi, explicar o drama pelo Fantasma, eu lhe peço, senhor, fale-nos do Fantasma novamente. Por mais misterioso que ele possa parecer em um primeiro momento, será sempre mais explicável do que essa história sombria em que pessoas mal-intencionadas queriam ver dois irmãos que se adoraram durante toda a vida se destruírem até a morte...*

*Acredite que... etc.*

Enfim, com o dossiê em mãos, percorri novamente o vasto domínio do Fantasma, o formidável monumento que tinha adotado como seu império, e tudo o que meus olhos viram, o que minha mente descobriu, corroborava admiravelmente os documentos do Persa, quando uma maravilhosa descoberta coroou definitivamente minha investigação.

---

2 O termo *faubourg* designa os bairros quem ficam fora dos limites de um centro. Em Paris, por exemplo, o que são hoje as *banlieues* (chamadas de subúrbios ou periferias em português) eram antes chamadas de *faubourgs*. (N.T.)

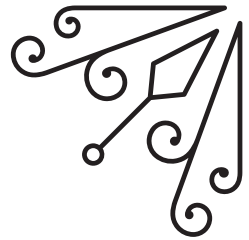
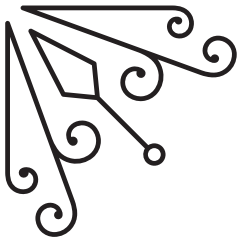
## O FANTASMA DA ÓPERA

Recentemente, enquanto cavavam o porão da Ópera para enterrar as vozes fonografadas dos artistas, as picaretas dos operários desenterraram um cadáver; então, eu finalmente encontrei evidências de que aquele era o cadáver do Fantasma da Ópera! Entreguei a prova pessoalmente ao próprio administrador, e agora me é indiferente que os jornais digam que o que encontramos lá foi o corpo de uma vítima da Comuna.

Os infelizes que foram massacrados na Comuna, nos subsolos da Ópera, não foram enterrados daquele lado; sei apontar exatamente onde seus esqueletos foram encontrados, bem longe daquela imensa cripta onde haviam acumulado, durante o cerco, todo tipo de provisões. Cheguei a essa trilha enquanto procurava, precisamente, os restos do Fantasma da Ópera, que não teria encontrado sem essa oportunidade inédita de acompanhar o enterro das vozes vivas!

Mas voltaremos a falar sobre esse cadáver e sobre o que fazer com ele mais tarde; agora, importa terminar este muito necessário prefácio, agradecendo os modestos comparsas, como o senhor comissário de polícia Mifroid (que fora convocado para as primeiras observações no momento do desaparecimento de Christine Daaé), e também o antigo secretário Rémy, o antigo administrador Mercier, o antigo regente de canto, senhor Gabriel, e, em especial, a baronesa de Castelot-Barbezac, conhecida à época como “a pequena Meg” (fato que não a envergonha), a estrela mais encantadora do nosso admirável corpo de baile, filha mais velha da honorável senhora Giry, antiga lanterninha, que morreu no camarote do Fantasma. Todas essas pessoas me foram de grande ajuda, e graças a elas poderei, juntamente com o leitor, reviver, em seus mínimos detalhes, essas horas de puro amor e medo.





Primeira Parte  
**ERIK**

